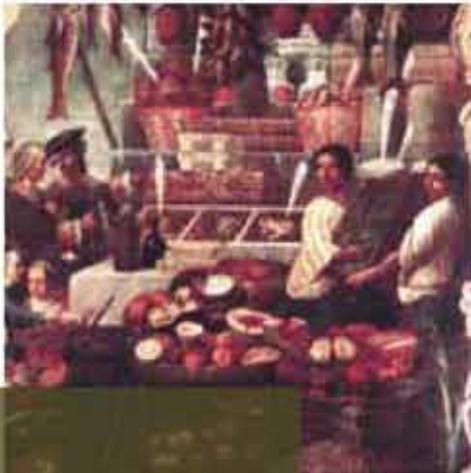


Stefan Rinke (ed.)



»Entre Espacios:
La historia latino-
americana en el
contexto global«



Actas del XVII
Congreso
Internacional de
AHILA, Berlin, 9-13 de
septiembre de 2014

Entre espacios: la historia latinoamericana en el contexto global

Actas del XVII Congreso Internacional de la
Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos (AHILA)
Freie Universität Berlín, 9-13 de septiembre de 2014

editado por

Stefan Rinke

Berlín
Freie Universität
Colegio Internacional de Graduados “Entre Espacios”
2016

ISBN-13: 978-3-944675-35-0

DOI: 10.17169/FUDOCS_document_000000024129

URL: http://edocs.fu-berlin.de/docs/receive/FUDOCS_document_000000024129

Publicado bajo Creative Commons Attribution 4.0 Licence (CC BY 4.0):

<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Saberes transnacionais na América Latina urbana (séculos XVI a XX)

Catarina Caetano da Rosa

Technische Universität Darmstadt, Alemanha

Jorun Poettering

Ludwig-Maximilians-Universität München, Alemanha

Reflectir sobre a história ‘entre espaços’, significa no caso vertente, pensar nos saberes transnacionais que se formaram no contacto entre a América Latina e a Europa. O presente simpósio teve como objectivo tratar dos saberes especializados usados na fundação, administração e ampliação das cidades latino-americanas, entre os séculos XVI e XX, contribuindo, assim, para uma História transnacional da Cultura e da Técnica nestas cidades.

Desde o período colonial, os conhecimentos técnicos e administrativos originaram-se não só nas metrópoles ibéricas e culturas locais americanas, mas provieram também de vários outros países. Após a independência dos países latino-americanos, as origens dos saberes diversificaram-se ainda mais. Engenheiros civis e militares, arquitectos, urbanistas, funcionários e outros profissionais de várias regiões marcaram o desenvolvimento da infraestrutura urbana latino-americana, a saber: fortificações, casas, ruas, pontes e portos, sistemas de abastecimento de água e canalização, meios de comunicação, transporte público, gás e electricidade.

Para melhor perceber a relação entre os processos de urbanização e a circulação de saberes transnacionais num perspectiva histórica, estabelecemos três eixos de análise:

Em primeiro lugar, o papel dos especialistas: de onde vieram estes? Que possibilidades de qualificação possuíam? Qual foi o papel desempenhado pelas instituições de ensino? Como é que os peritos conceberam as experiências transnacionais?

Em segundo lugar, os caminhos das ideias: onde surgiram os planos para projectar obras e reformas urbanas? Como circulavam os projectos de infraestrutura entre atores, autoridades e países? É possível falar do surgimento de um conhecimento transnacional?

Finalmente, as ideologias e as práticas: que condições promoveram ou impediram a implantação de planos concretos? Que influência efectivaram conceitos como bem comum, prosperidade, modernidade, ordem e progresso, em relação aos saberes práticos? Que relação existia entre estes conceitos e sua concretização?

A seguir, apresentamos cinco resumos de conferências proferidas no simpósio, para no fim discutirmos as respostas que esses ensaios fornecem às questões levantadas.

Pedro Henrique Cabral Valadares e Fernando Diniz Moreira discutem as referências tratadísticas que influíram na concepção do Forte do Brum e do núcleo urbano da Mauritsstad, construídos

pelos holandeses no Recife durante o seu domínio no Nordeste brasileiro (1630-1654). Explicam como o campo específico da arquitectura militar ganhou particular importância no contexto da defesa dos territórios recentemente conquistados pelos europeus. As colónias não só constituíram campos de batalha das nações europeias, como também foram campos de ensaio onde se testaram as mais recentes evoluções da engenharia militar, que na Europa mal se podiam concretizar. Mas enquanto os portugueses haviam investido relativamente pouco na defesa de Olinda e do Recife, fundadas em 1535 e 1537 respectivamente, os holandeses edificaram um sistema defensivo mais robusto do que o das demais cidades europeias. Valadares e Moreira argumentam que os projectistas e construtores de tais obras dispunham de um saber altamente profissionalizado, baseado na formação em aulas de Arquitectura e Fortificação e no estudo dos respectivos tratados de Arquitectura Militar, escritos por teóricos de diversas nações europeias.

Miguel Hernández Hernández estuda o abastecimento de água em Campinas entre os anos de 1870 e 1920, urbe que teve uma grande importância no Estado de São Paulo, no contexto da produção de café. Os engenheiros responsáveis pelas obras (Antônio Paulo Souza, Francisco Saturnino Brito e Francisco Prestes Maia) tiveram acesso às tecnologias mais recentes da Europa por via de estágios de formação académica e participação em congressos e debates no estrangeiro, assim como pelo estudo de publicações de especialidade. No Brasil, segundo Hernández, a planificação urbana não incorporava, todavia, propósitos de reforma social nem se interessava pela opinião dos cidadãos – diferentemente das concepções urbanísticas na Europa. O autor verifica que o sistema de abastecimento de água privilegiou as camadas altas, resultando numa crescente segregação sócio-territorial na cidade, sem que, no entanto, tal facto provocasse uma oposição notável. Deste modo, os discursos que elogiavam a modernização, a racionalização e os associados valores cívicos, proferidos tanto pelos engenheiros como pelos dirigentes políticos responsáveis pelas obras de infraestrutura, permaneceram praticamente sem contraditório. As críticas eram proferidas pelos próprios colegas e restringiam-se ao âmbito técnico.

Enrique Fernández Domingo ocupa-se da instalação da rede de esgotos em Santiago do Chile em período idêntico ao estudado por Miguel Hernández Hernández. No entanto, Domingo focaliza-se mais nos modos de desenvolvimento dos saberes e das práticas higienistas padronizados no contexto atlântico. Traça a mobilidade de pessoas e a circulação de publicações, conhecimentos e procedimentos higienistas numa dimensão transnacional, mostrando como estes modelos influíram na actuação das autoridades que detinham responsabilidade sobre o espaço urbano de Santiago. Quando os higienistas chilenos começaram a frequentar os grandes congressos internacionais de Higiene, estes eventos de sociabilidade profissional permitiram-lhes trocar informações, discutir novas ideias e validar suas experiências, contribuindo, desta maneira, para a adesão chilena ao paradigma europeu da modernidade. No contexto chileno, os engenheiros, arquitectos e médicos também organizaram congressos, além de publicarem revistas, fundarem sociedades profissionais e reformarem os ‘currícula’ universitários, seguindo os padrões mais recentes nesta área. Todas essas actividades no âmbito nacional não impediram, contudo, que no momento da execução prática da rede de esgotos na capital chilena, em 1904, houvesse uma falta de empresários que pudessem trabalhar com engenheiros locais. O contrato para o projecto, elaborado por um chileno, foi finalmente adjudicado a uma empresa francesa.

Fernando Diniz Moreira discute o plano urbanístico elaborado pelo arquitecto francês Alfred Agache para o Rio de Janeiro entre 1928 e 1930. Agache recebeu a sua educação na École des Beaux-

Arts de Paris, acompanhada por uma formação em Sociologia e pelo estudo dos principais autores da Urbanística. Antes de ir para o Brasil, trabalhou para várias cidades na França e no estrangeiro, tendo sido um dos fundadores da Société Française des Urbanistes. Foi chamado ao Brasil não só por causa da sua proeminência nos meios profissionais, mas também pela admiração que a elite brasileira nutria pela modernidade francesa. Esta atitude, porém, foi confrontada com animosidade por arquitectos cariocas que acalentavam o sonho de construir uma capital autenticamente ‘brasileira’. Estavam tão empenhados no processo de emancipação e afirmação da identidade nacional, que puseram em dúvida a capacidade de um estrangeiro poder compreender e enaltecer a complexa paisagem do Rio de Janeiro. Por fim, Agache enfrentou tais resistências que se viu forçado a desistir da realização do seu plano. Os críticos postularam uma diferença fundamental nos conceitos de cidade europeia e cidade latino-americana, associando-os a noções distintas de progresso e valores cívicos. O próprio Moreira também acredita que Agache mostrou falta de sensibilidade aos planos urbanos locais, argumentando que não compreendera a sociedade brasileira, marcada por grandes desigualdades sociais. Pensa que Agache levou as suas visões urbanísticas prematuramente para o Rio de Janeiro, antes de aí se ter desenvolvido uma ‘sociedade moderna’.

Finalmente, Nelson Aprobato Filho propõe interpretar o papel dos animais na obra do escritor brasileiro Machado de Assis com vista a adquirir uma nova compreensão das tecnologias urbanas no século XIX. Machado substituiu temporariamente a perspectiva antropocêntrica e conseguiu assim situar os avanços científico-tecnológicos numa visão crítica e irónica. Elaborou uma fábula onde os burros de tracção dos bondes falam sobre a sua condição de vida, a qual sugere um paralelo com a condição humana, nomeadamente, a dos escravos. Com a chegada dos novos meios de transporte e da electricidade, os animais de tiro perderam uma parte da sua importância na vida laboral. Aprobato atribui um relevo especial às metáforas machadianas sobre animais, que segundo ele, reflectem um traço característico não só do tempo vivido pelo escritor até ao início do século XX, como também testemunham o efeito das grandes transformações técnico-urbanas ocorridas no Rio de Janeiro.

Em relação às questões inicialmente colocadas resulta o seguinte quadro:

O papel dos especialistas. Os estudos de caso aqui reunidos tratam maioritariamente de engenheiros e arquitectos, um grupo profissional que gozou de grande mobilidade geográfica e social na Europa desde o começo da época moderna. Tal mobilidade fomentou o intercâmbio de ideias além-fronteiras e contribuiu para o avanço no desenvolvimento da teoria e da técnica. Os especialistas latino-americanos adoptaram os conhecimentos e conceitos mais relevantes. Em todos os exemplos tratados, os especialistas dispunham de excelentes formações profissionais, recebidas nas melhores escolas superiores europeias ou então, de maneira crescente, nas instituições de formação nacionais que, por sua vez, se orientavam pelos modelos europeus mais progressivos. Os engenheiros e arquitectos latino-americanos destacaram-se pelo facto de estarem bem familiarizados com as condições reinantes a nível local, como, aliás, se comprova nos ensaios relativos a Campinas e Santiago. Os especialistas oriundos da Europa ficavam, em contrapartida, obrigados a cooperar com os peritos da América Latina, a fim de, em último caso, se aproveitarem justamente dos conhecimentos e da experiência locais, conforme o exemplo dado pelos holandeses em Olinda e no Recife. Agache representa um caso contrário ao especialista europeu de sucesso, porque o seu plano não foi aceito na ‘Cidade Maravilhosa’.

O caminho das ideias. O saber dos expertos tinha, em regra, sua origem em vários países diferentes. Os tratados sobre fortalezas eram uma forma de conhecimento codificado que partiu da Itália no Renascimento, tendo-se posteriormente desenvolvido nos países mais a Norte da Europa. Outro tipo de instituição do saber era representado pelas grandes escolas de Paris no século XIX, formando placas girantes do saber onde se concentravam conhecimentos de ponta que depois se transmitiam para muitas partes do mundo. A expressão do ‘conhecimento transnacional’ faz sentido, porque os problemas infraestruturais, que estavam presentes em muitos países, – como sejam a defesa de cidades portuárias, o abastecimento de água, a higiene urbana, a contenção de epidemias, etc. – foram discutidos num âmbito internacional na procura de soluções praticáveis. Os grandes congressos ofereciam, neste sentido, uma plataforma ‘par excellence’ aos engenheiros e médicos. Mas o intercâmbio de ideias também se reflectiu na literatura de especialidade e nas revistas científicas internacionais, como podia ter consequências a nível de organização, com a fundação de novos institutos.

Desta forma, foi possível, que os conhecimentos aprofundados e transformados na América Latina retornassem à Europa, – não só no quadro de congressos e em publicações, mas também através das viagens dos especialistas latino-americanos, assim como do regresso de peritos europeus. Este fato é sugerido em quase todas as contribuições, embora não se entre de forma muito pormenorizada no assunto. Aprobato, por exemplo, relativiza a influência da técnica europeia e norte-americana, na medida em que propõe chamar a atenção para as influências das experiências brasileiras sobre os cientistas europeus e americanos. No caso de Agache, depois do seu plano fracassar, o urbanista apagou o nome da cidade do Rio de Janeiro do título do seu projeto e tentou assim salvar o plano, conferindo-lhe uma aplicabilidade potencialmente universal. Além disso, seria interessante mostrar como o saber formado nas cidades latino-americanas retroagiu nas tradições do saber na Europa e possivelmente influenciou as realidades urbanas aí.

As ideologias e as práticas. Para os peritos europeus, a América Latina frequentemente servia de laboratório para experienciar ideias e modelos urbanos desenvolvidos recentemente. Por parte das elites latino-americanas surgia a ambição de querer examinar conceitos europeus relativos a melhoramentos nos domínios militar, estético e sanitário para suas cidades. Conferenciavam as elites seguidamente com os decisores locais no sentido de adaptar aqueles conceitos às condições ‘in loco’ para, em caso afirmativo, aplicá-los na prática. A execução de conceitos importados podia ir tão longe que a realização dos trabalhos de construção civil chegou a ser confiada a empreiteiros originários da Europa, como no caso de Santiago. Havia, porém, limites à ideia de transferência ou intercâmbio de ideias quando o plano de um perito europeu como Agache não gozava de aceitação por parte da maioria dos decisores locais.

Em todos os projectos de infra-estrutura se dava bastante valor à concretização de ideias de modernização, bastante consideradas na Europa. No entanto, vários dos autores dos nossos casos exemplares constataam que a mudança social, subjacente às medidas de modernização urbana na Europa no século XIX, ainda não tinha começado na América Latina no momento das reformas urbanas. Isso significava que as medidas tomadas muitas vezes não atendiam às necessidades sociais, levaram à marginalização das camadas mais vulneráveis e embora fizessem justiça ao ideal de modernização exteriormente, não o podiam fazer substancialmente. O conceito de modernidade implícito nestas reflexões mereceria certamente uma investigação a fundo levando igualmente em consideração os seus paralelos com as concepções utópicas no início da Idade Moderna. Os auto-

res mostraram, no entanto, que, se os projectos de infra-estrutura podem, por um lado, ser vistos como representações de concepções ideais dominantes, também é verdade que neles se revelam, por outro lado, as contradições das condições sociais existentes.